

MANOEL D'ALMEIDA FILHO

A PRINCESA ROSINHA NA COVA DOS LADRÕES



297.
P-235

298.

P-115

MANOEL D'ALMEIDA FILHO

★

274) **A Princesa Rosinha
na Cova dos Ladrões**

274-A) **A Ilha Misteriosa ou
a Coragem de Solon**

Direitos adquiridos e registrados de acôrdo com a lei na
Bibliotéca Nacional

★

 GRÁFICA EDITORA
Prelúdio
A. A. LOPES & SOUZA
RUA PANAMA, 772 — FONE: 9-1874 — SÃO PAULO

MANOEL D'ALMEIDA FILHO

A PRINCESA ROSINHA
NA COVA DOS LADRÕES



O mundo é um cinema .
De grande variedade,
Cada dia sempre passa
Filmes da antiguidade,
Pois um drama muito antigo
Quando vem é novidade

Este romance é um desses
Que a muitos anos passou-se,
No reinado de Atlântida,
Que já a muito afundou-se,
Diz o povo que êsse reino,
Em mar e céu transformou-se.

Porém em sua existência
Esse reino era falado,
Tinha como soberanos
Um casal muito estimado;
Era a rainha Nomécia
E o rei Braulio Conrado.

Desse casal tão querido
Só nasceu uma filhinha,
Era linda igual a Venus,
A mimosa bonequinha.
Que teve o nome de Rosa,
P'ra ser chamada Rosinha.

Rosinha ia crescendo
Com muita felicidade,
Porque todos adoravam
Esse anjo de bondade,
Mas ao chegar dez anos
Surgiu a infelicidade.

Pois no reino appareceu,
Uma quadrilha assombrosa,
De ladrões misteriosos,
Faziãr cerna horrorosa
Roubavam matavam gente
De forma misteriosa.

Esses ladrões assistiam
Numa montanha que havia;
Diziam ser encantada
Porque ninguém se atrevia,
It naquelas matas, pois
Pelas feras morreria.

Porém é que os ladrões
Tinham coragem devéras,
Pois entraram no abismo
E domesticaram as feras
Deram num palácio antigo
Que já tinha muitas éras.

Ali ficaram morando,
Na mais triste solidão;
A quadrilha era sessenta,
Era quasi um batalhão
Tiraram o mais destimido
Promoveram a capitão.

Cercaram toda montanha,
Deixaram um portão somente,
Guardado por dois gigantes,
E cada qual mais valente,
Esses só se alimentavam
De carne e sangue de gente.

E depois domesticaram,
Com trabalho dez leões
E botaram mais adiante
Como fortificações;
Os leões só atendiam
A quadrilha de ladrões.

Domesticaram também
Duas horriveis serpentes
E ao depois dos leões,
Botaram as cobras valentes,
Cada engulia um homem
E não tocava nos dentes.

Assim ficou descançada
Aquela quadrilha forte,
E quem fôsse persegui-la
Era ir buscar a morte,
Dar de comer aos gigantes
P'ra melhorarem de sorte.

Porque quem fosse teria
De mostrar disposições,
Enfrentar os dois gigantes
E depois os dez leões;
Passando tinha as serpentes
Protetoras dos ladrões.

Quem passasse os obstáculos,
Enfrentava os celerados,
Que estavam no palácio
Muito bem entrincheirados,
Canhões e metralhadoras,
Para tudo preparados.

E' por isso que os ladrões
Roubavam, não tinham medo:
Espalhavam no reinado
Os mistérios com segredo,
Depois que faziam roubos
Voltavam para o degrêdo.

A policia os perseguia,
Seguiam muitos soldados
Só chegavam no portão,
Eram logo devorados
Pelos gigantes famintos
E os leões esfomeados.

Os ladrões continuavam
Roubando até as donzelas,
Quer fossem ricas ou pobres
Quer fossem feias ou belas,
Faziam o que queriam
E depois matavam elas.

O rei viu a cousa séria,
A desgraça do reinado,
Todo povo se acabando
Pelo grupo celerado;
Até de sua policia
Não tinha mais um soldado

Então o rei preparou
O exército e a marinha.
Botou nos ladrões sem pena,
Com toda força que tinha;
Morria tanto soldado,
Que parecia murrinha.

A guerra durou um ano,
Mas a força esmoreceu
Pois dos soldados que foram,
Escapou o que correu,
Toda força do reinado
Nessa batalha morreu.

Os ladrões nada sofreram,
Só gastaram munições,
E desgraçaram a cidade,
Com as balas dos canhões,
A montanha foi chamada,
Pela "cova dos ladrões".

Depois da guerra o reinado
Ficou sem ter proteção,
Os ladrões se indignaram
Com uma louca paixão,
Foram roubar a princesa
Para dá-la ao capitão.

Quando entraram no palácio
Prenderam logo a rainha,
Saquiaram toda a casa.
Para levarem o que tinha,
Deixaram o rei amarrado
E carregaram Rosinha.

Levaram a princezinha,
Por dentro da solidão,
Para dá-la de presente
Ao seu bom capitão;
No dia dos anos dele,
Teria satisfação.

Na hora que lá chegaram,
O capitão indecente,
Veio ao encontro deles,
Recebeu-a de presente
Era triste vêr-se o pranto
Dessa infeliz inocente.

Ele perguntou-lhe o nome
Ela respondeu: Rosinha
Ele disse: como é linda!
Porém é muito mocinha.
Quando tiveres idade,
Um dia hás de ser minha.

Nesse tempo ela contava
Onze anos de idade:
O capitão dos ladrões
Tomou-lhe grande amizade,
Mas botou-a na prisão
Sem nenhuma liberdade.

Então disse o capitão:
Esta eu vou adorá-la,
Amci-a de coração
E sempre hei de amá-la,
Se ela não me amar,
Assim eu posso forçá-la.

E o monstro todo dia,
Ia vê-la na prisão,
Tratando-a bem dircitinho,
Com uma hõa refeição.
Dando mel para depois,
Dar-lhe fel com aleatrão.

Aqui eu deixo Rosinha,
Para voltar ao reinado;
Vamos encontrar o rei,
Triste e desconsolado,
Só desejava na vida,
Era morrer enforcado.

Porque o que estimava,
Tinha desaparecido;
Era sua filha única,
O seu anjo estremecido,
Sem saber ele pensava,
Que ela tivesse morrido.

Não tinha prazer na vida,
Nem o rei nem a rainha;
Pois fazia quasi um ano
Que choravam a filhinha;
Viviam fazendo preces
Para a alma de Rosinha.

Porém em outro reinado
Apareceu um rapaz;
Que brigava por destino,
Na luta era um voraz,
Muita gente já dizia
Que ele era o satanaz.

Porém é que esse moço,
Trouxe o dom da natureza,
Gênio, coragem e destino,
Força jeito e ligeireza;
No mundo não tinha homem,
Para dele ter a destreza.

Tinha apenas vinte anos,
Forte ousado e valente,
Era um tipo elegante,
Andava muito decente,
Contava vinte e seis mortes,
Todas de cabra insolente.

Uma vez ele encontrou,
Um sujeito arruaceiro,
Assombrava uma cidade,
Com o nome de cangaceiro:
Guilherme esse tal moço,
Foi ver esse aventureiro.

O rapaz vendo o valente,
O povo fazia apostas,
Que o moço perdia luta,
Guilherme ouviu as propostas
Só deu-lhe uma pumbalada,
Tirou-lhe o fígado nas costas.

E assim brigava sempre,
Com toda disposição,
Luta a revólver e espada,
Ganhava toda questão,
Em esgrima e todo esporte,
Do paiz foi campeão.

Guilherme pelas bravuras,
Que ganhava todo dia
Dizia o povo que ele
Era o rei da valentia,
E este nome de glórias
Toda nação já sabia.

O rei Bráulio quando soube
Desse rapaz valentão
Mandou buscá-lo com festa
E grande recepção
Para ver se ele podia
Salvar a sua nação.

Guilherme quando chegou
Lhe disse o rei sem tardança:
— Se você salvar meu reino
Fazendo a minha vingança
Eu lhe darei de presente
A corôa por lembrança.

Então contou a Guilherme
A façanha dos ladrões
A coragem dos gigantes
A bravura dos leões
A vingança das serpentes
Devorando os batalhões.

Contou como sua filha
Foi roubada do reinado
Guilherme viu seu retrato
Ficou logo apaixonado
Disse ao rei: Quero armas
Para seguir bem armado.

Preciso de três espadas,
Um revólver e um punhal,
Também muita munição,
De fabrico especial,
Para enfrentar os gigantes,
Leões e tudo afinal.

Guilherme mandou fazer
Uma vestimenta de aço,
Com molas suficientes,
Para mover cada braço;
Partiu p'ra vencer a luta,
Ou ficar lá o bagaço.

Quando chegou no portão
Um gigante apareceu
E disse para Guilherme:
Por ti esperava eu
P'ra dar de comer à gente
Aqui ninguém mais comeu.

Guilherme que estava pronto,
Meteu-lhe logo a espada;
O gigante puxou outra
Que era mais afiada,
E deu um grito chamando
O outro seu camarada.

Chegou logo o outro e disse:
Vamos comer este diabo!
Guilherme disse: e você.
Para onde vem tão brabo?
Cravou-lhe a espada no peito
Que entrou até no cabo.

Esse caiu logo morto,
Ficou somente o primeiro,
Que lutava com o moço,
Como um feroz carniceiro,
Na luta eles caíram
Dentro de um despenhadeiro.

Guilherme muito cansado,
Preparou uma cilada
Porque viu que não pegava,
O gigante na espada,
Com o braço esquerdo deu-lhe
Uma enorme punhalada.

Na punhalada o gigante,
Deu um esturro e gemeu,
Guilherme mais que depressa
Outra punhalada deu,
Em cima deu outra mais
Que o gigante morreu.

Depois do gigante morto,
Guilherme seguiu viagem,
Ao caminhar meia legua,
Perto de uma passagem,
Enfrentou os dez leões,
Com heroísmo e coragem.

Assim que os leões partiram
Guilherme a espada puxou,
O mais afoito que vinha,
Em dois pedaços cortou,
Meteu a espada noutra,
Que este morto tombou.



Naquilo os oito avançaram
Mas o moço sem sobroço,
Esperou-os de pé firme;
E deu um golpe colosso,
Que partiu dois pelo meio,
Doutro tirou o pescoço.

Porém é que nessa hora
Quando Guilherme virou-se,
Um leão deu-lhe um tapa
Que a espada quebrou-se;
Guilherme puxou por outra
Esta no leão cravou-se.

O leão já estava morto,
Quando Guilherme puxou-a;
Porém é que outro leão,
Neste instante rebatou-a;
Guilherme puxou a última,
Fornida, pesada e bôa.

O rapaz com esta espada
Melhorou mais do cansaço,
Desceu ela num leão,
Partiu-o no espinhaço;
Ficaram tres e Guilherme
Ali os fez em bagaço.

Guilherme descansou muito,
Depois da luta medonha,
Vendo os leões todos mortos,
Seguiu igual a quem sonha
Mas quando viu as serpentes.
Só não correu com vergonha.

Então as duas partiram,
Guilherme se desviava,
Metia a espada com força,
Esta o gume virava,
Ele viu que as serpentes,
A espada não cortava.

Bateu mão a seu revólver,
Da luta já bem cansado
Atirou, porém também,
Não deu nenhum resultado,
Nenhuma bala furava,
Guilherme se viu logrado.

Com duas horas de luta
Jesus o auxiliou
Por muita felicidade,
No olho de uma acertou;
No tiro ela deu um silvo
E a luta abandonou.

Guilherme que já pensava
Perder o grande valor,
Porém no tiro conheceu
Qual o lugar matador,
E bem no olho da outra
Deu-lhe um tiro arrasador.

Assim morreram as serpentes,
Perderam todas ações;
Guilherme daí partiu
Para a "cova dos ladrões"
Quando foi chegando perto
Viu dois enormes portões.

Por felicidade dele,
Os ladrões andavam fora,
Só estava o capitão
E um vigia na hora,
Guilherme pega o vigia
E matou-o sem demora.

Então entrou no palácio,
Correu salão por salão,
Quando chegou na cosinha
Avistou um alçapão,
E dentro avistou um homem
Com um grande punhal na mão.

E nos pés dele uma jovem
Ajoelhada chorando;
Era a princesa Rosinha
Que estava se lastimando,
E o capitão dos ladrões,
Estava lhe confessando.

Com o punhal lhe apontando
Em cima do coração,
Dizendo: vamos senhora!
Veja se me aceita ou não?
Do contrário hoje mesmo
Vai para dentro do chão.

Rosinha disse: eu prefiro
Morrer, porém sendo honrada
No céu descanso nos braços
De Maria Imaculada,
Porque não parto do mundo
Com minha alma manchada.

Guilherme desce a escada
Com o revólver na mão,
Tão sagaz que parecia,
Que não pisava no chão
Ficou atrás do bandido,
Ouvindo esta confissão.

O monstro disse à princesa;
— Dos meus pés você não corre,
Tem que ceder o que quero
Aqui ninguém lhe socorre;
Guilherme gritou atrás:
— Não estremêça que morre.

Nisso o capitão virou-se
Com o seu punhal na mão
E partiu para Guilherme,
Igual um lobo ou leão;
Guilherme deu-lhe dois tiros,
Em cima do coração.

Rosinha quando viu isto,
Se abraçou com o rapaz
Dizendo: Tú és um anjo
Das regiões divinais,
Vieste para salvar-me,
Já nos momentos finais.

Diz Guilherme ainda falta,
A corja devoradôra,
Então foi para o portão,
Com uma metralhadora;
Rosinha' pertinho dele,
Como municiadôra.

E Guilherme entrincheirado
Prestando todo sentido
Quando a quadrilha apontou
O moço bem destimido
Com trez rajadas que deu
Não escapou um bandido.



Dai Guilherme e Rosinha
Seguiram para a cidade
Embriagados de amor
Na doce paz da amizade
Assim entraram de braços
Na côrte da magestade.

Quando entraram na côrte
Tanto ò rei como a rainha
Logo abraçaram Guilherme
E a querida filhinha
As moças jogavam flores
Sôbre Guilherme e Rosinha.

Guilherme foi coroado
Porque assim merecia
E casou-se com Rosinha
Com toda soberania
Enfim que teve a corôa
Como "o rei da valentia".

A bravura desta luta
Levou Guilherme á vitoria
Munido com boas armas
Enfrentou e teve a gloria
Isto é fato sem segundo
Dá voragem a todo mundo
A vingança desta historia.



~~2744~~
292

MANOEL D'ALMEIDA FILHO

Ortilha **MISTERIOSA**

ou
**A CORAGEM DE
SOLON**



Smag

MANOEL D'ALMEIDA FILHO

A ILHA MISTERIOSA OU
A CORAGEM DE SOLON



Este mundo representa
Um teatro em nossa vista
Enquanto o pobre sofre
Gosa o capitalista
Enquanto um se diverte
O outro serve de artista

Enquanto um luta na vida
Com trabalho e sacrificio
O outro arranja facil
Sem enfrentar precipicio
Enquanto um faz a comédia
O outro dá o inicio

Há muitos séculos atrás
No reino do Oriente
Apareceu um mistério
Que assombrou muita gente
No meio do Oceano
Para o lado do nascente

Com muitas leguas da terra
Dentro das aguas do mar
Surgiu uma grande ilha
Que fazia admirar
Do reinado Persiano
Podia se contemplar

No centro havia um castelo
Parecia um paraíso
Com um letreiro escrito
Dizendo: leia o aviso
Quem vir aqui se despeça
"Até dia de juízo"

De formas que essa ilha
 Causou grande confusão
 Vinha gente para vê-la
 Quase de toda nação
 Porém para chegar perto
 Ninguém tinha coração

O reinado Persiano
 Tinha sua grande herdeira
 A princesa Carmelita
 Em belesa era a primeira
 Tinha as feições de Venus
 Nos pés da brisa fagueira

Uma tarde Carmelita
 Numa praia passeiava
 Um vento misterioso
 Pela princesa passava
 Levou-a por cima d'agua
 Que nem os pés não molhava

As amigas quando viram
 Correram horrorisadas
 Foram dar parte ao rei
 Como loucas assombradas
 Dizendo que aquilo era
 Feitiçaria das fadas

O rei sabendo a noticia
 Achou que não tinha trilha
 Foi olhar com um binóculo
 Ainda viu sua filha
 Quando entrava na porta
 Lá no castelo da ilha

O rei mandou num navio
 Um batalhão bem armado
 Dizendo ao comandante
 Que seguisse com cuidado
 E trouxesse a sua filha
 Como unico resultado

Chegando perto da ilha
 Se houver opposição
 Prepare seus artilheiros
 Lute com disposição
 Traga a moça embora deixe
 A vida do batalhão

Naquela hora o navio
Já na água deslisava
Com tres dias e tres noites
Perto da ilha chegava
O rei com o seu binóculo
Do palácio observava

Viu quando o grande navio
No cais da ilha atracou
Em toda ordem de guerra
A grande força saltou
E no portão do castelo
A tropa toda entrou

O rei que estava atento
Já olhava com sobrosso
Quando apareceu um letreiro
Dizendo: em meu calabouço
Essa tropinha que veio
Não dá para meu almoço

O rei que leu o letreiro
Ficou entusiasmado
Preparou toda esquadra
Do seu possante reinado
E mandou cercar a ilha
Fazer um fogo cerrado

Partindo a grande esquadra
Cercou a ilha falada
Os canhões abriram fogo
Numa possante rajada
Porém no grande castelo
Balas não faziam nada

Com dez dias de batalha
Na grande revolução
Surgiu uma ventania
Que parecia um vulcão
Dominou toda esquadra
Esse enorme furacão

Então a possante esquadra
Na ilha foi arrojada
A tropa em desespero
Foi toda desembarcada
E depois para o castelo
Foi a força arrebatada

O rei contemplava a cena
Metido em tais embaraços
Dos seus navios de guerra
Só existiam retrazos
Das bandeiras ao vento
Inda avistava os pedaços

O rei formou o conselho
Chamou cada conselheiro
Para enfrentar o mistério
Com o seu povo guerreiro
Ou salvar a sua filha
Ou morrer o derradeiro

Disse o ministro da guerra
Eu juro por Deus eterno
Que se hei de ir a ilha
Vou escrever um caderno
Levar carta ao diabo
Nas tres portas do inferno

Nem eu vou nem meu soldados
Nem os paisanos tambem
Cair na boca do lobo
Quem vai lá nunca vem
Mesmo não sirvo de buxa
Prá barriga de ninguém

O rei vendo esta resposta
Ficou pisando em brasa
Dizendo: não vou sosinho
Porque o reino se arrasa
Mesmo eu tenho coragem
Porém o medo me atrasa

Se aparecer um valente
Que tenha o desafôro
De descobrir o mistério
Faz parte no meu tesouro
Recebe um lindo condado
E dez mil contos em ouro

E se a princesa for viva
Saindo do cativoiro
Como tambem quem salvá-la
Se for um rapaz solteiro
Será o esposo dela
É do meu reino herdeiro

O rei botou um artigo
Em todos jornais que tinha
Dizendo quem quizer vir
Fazer a vontade minha
Escreva para São Pedro
E dê adeus à farinha

A noticia dessa ilha
Correu em toda paragem
Apareciam valentes
Porem só na pabulagem
Quando avistavam a ilha
Perdiam toda coragem

Então aqueles afoitos
Queriam ver o segredo
Tomavam embarcações
Marchavam para o degredo
Porem antes de chegarem
Morriam só com o medo

Em um paiz bem distante
Habitava um belo moço
Que dizia abertamente
Sou mais duro do que osso
Nunca encontrei mistério
Que me fizesse sobrosso

Vou embora pelo mundo
Ver se acho a quem ataque
Porque quando tenho raiva
Bebo um pouco de conhaque
Se encontrasse o diabo
Matava ele de haque

Esse moço era Solon
Que tinha perdido os pais
Abandonou seu paiz
Para lá não voltar mais
Partiu que só Oliveiros
Prá lutar com Ferrabraz

Com trez meses de viagem
Um dia pela tardinha
Muito perto da estrada
Avistou uma casinha
Foi lá e bateu na porta
Lhe saiu uma velhinha

A velha disse: meu filho
 O que andas a fazer
 Solon respondeu à ela
 Viajo para sofrer
 Arranjar felicidade
 Ou prá matar ou morrer

Se tu tiveres coragem
 Eu dou ao que vens atraz
 Solon então respondeu
 Meu destino é voraz
 Que entro até no inferno
 Trago preso satanaz

Disse ela: então me ouça
 Tenha em mim confiança
 Eu dou-te a felicidade
 Prá fazer uma vingança
 Com o monstro dos mistérios
 Da ilha de "Pedra Mansa"

Ele é um corpo sem alma
 Tem um poder esquisito
 O couro dele é mais duro
 Do que pedra de granito
 Porém eu te dou as armas
 Com que vences o maldito

Solon disse: eu preparado
 A esse monstro espedaço
 Sendo pedra eu dinamito
 Vejo voar o bagaço
 Se for de aço eu quebro
 Sendo de ferro eu amasso

Deus permita que na luta
 O monstro você açoite
 Porém com a "Pedra Mansa"
 Peço que não se afoite
 Que contem todos mistérios
 Da fada da meia-noite

A fada quando morreu
 Como era minha irmã
 Deu-me a pedra de presente
 Que era um talismã
 Porém um bruxo roubou-me
 Um dia pela manhã



De posse da "Pedra Mansa"
 Numa ilha transformou
 E com a força que tinha
 Um mistério preparou
 Tirou a alma do corpo
 Numa lâmpada colocou

A lâmpada é a vida dele
 Que conserva bem guardada
 Num grande subterrâneo
 Se desce por uma escada
 Ele só morre algum dia
 Se a lâmpada for apagada

No fim da escadaria
 Com mil metros de altura
 Está a vida do monstro
 Garantida e bem segura
 Guardada por trez cachorros
 De monstruosa figura

Depois dos cachorros tem
 Batalhões de esqueletos
 Todos de olhos de fogo
 Com pestanas de gravetos
 As linguas desses fantasmas
 Furam mais do que espetos

Vença tudo com coragem
 Veja se luta e não corre
 Que tendo disposição
 O meu poder te socorre
 E apagando a lâmpada
 O monstro perverso morre

Ai quebra-se o mistério
 E sentes um calafrio
 A ilha desaparece
 Nas aguas do mar bravio
 Ficas em cima da pedra
 Que te leva ao navio

Tambem vês uma princesa
 Na flôr d'agua flutuando
 Há trez anos vive presa
 O monstro a castigando
 Salva que é tua noiva
 Que está te esperando

Tome leve esta espada
Siga com disposição
Esta arma é magnética
E estando em tua mão
Tem o poder dos planetas
E a força de Sansão

Leve também este anel
Que tem poder e critério
Você com ele penetra
Em segredo muito sério
Chegue na ilha e procure
O alcapão do mistério

A velha disse a Solon
Onde ficava o reinado
O rapaz seguiu disposto
Com um mês era chegado
Dizendo que ia à ilha
Do povo foi criticado

Porém falou com o rei
Que deu uma embarcação
Solon partiu com coragem
Não levou tripulação
Chegou na ilha foi logo
À boca do alcapão

Desceu com toda coragem
Naquela escada escura
Surgiu um grande cachorro
Com dois metros de altura
Solon pegou na espada
Para mostrar a bravura

O moço enfrentou o monstro
Que não pedia socorro
Quando a espada descia
O sangue corria em jorro
Era maior que um pires
Cada olho do cachorro

A espada magnética
Voava fogo do aço
Em todo canto que ia
Via cair o pedaço
Com dez minutos de luta
O cachorro era bagaço

Solon desceu novamente
Procurando pelo tato
Viu surgir outro cachorro
Mais ligeiro que um gato
Esse tinha cada olho
Do tamanho de um prato

Era um cão monstruoso
Astuto ligeiro e brabo
Deslisava na espada
Que parecia um quiabo
Voava fogo dos olhos
Igualmente ao diabo

Porém Solon era forte
Deu nele um contra passo
O golpe pegou de jeito
Que rolou o espinhaço
Com mais duas espadadas
Só caiu lá o cangaço

Tornou descer a escada
Já no fim encontrou mais
Outro cachorro enorme
Com dentes descomunais
Com cada olho de fogo
Que assombrava o satanaz

Esse era agigantado
Solon viu fez um esbarro
Cada presa do cachorro
Era maior que um jarro
Também tinha cada olho
Como uma roda de carro

O cachorro abriu a boca
Que cabia um elefante
Porém Solon preparado
Com a espada possante
E o auel que lhe dava
A força de um gigante

Partiu enfrentou a fera
Como um leão destemido
Porém com esse cachorro
Ele encontrou um marido
Já lutava vendo a hora
Que ia ser engulido

Solon já muito cansado
Esperou-o pela frente
Quando meteu a espada
Viu sair um vento quente
O golpe pegou na boca
Que não ficou um só dente

O cachorro deu um pulo
Rodou como quem desanda
Solon também deu um salto
Como quem vai e não manda
Meteu-lhe outra espadada
Abriu-lhe a cabeça em banda

Quando o cachorro morreu
Solon por uma janela
Viu uma mesa de cristal
A lâmpada em cima dela
Mais de dois mil esqueletos
Botando sentido a ela

Solon partiu para lá
Foi um escangalho preto
Os fantasmas avançaram
Cada qual com um espeto
Solon com cada espadada
Desmanchava um esqueleto

Um fantasma deu um salto
Pegou-o pelo pescoço
O rapaz deu-lhe um balão
Que o "cabra" comeu grosso
Bateu em cima no forro
Não ficou inteiro um osso

Solon pegava fantasma
Fazia mólho de tres
Jogava em cima dos outros
Com destreza e rapidez
Via cair as ossadas
de dez, doze de uma vez

Para o lado dos fantasmas
A luta estava perdida
Porque já haviam poucos
Prá Solon estava vencida
Nisso apareceu o monstro
Que vinha salvar a vida

O moço então enfrentou-o
 Não quiz medir os horrores
 Quando meteu a espada
 Sentiu um choque de dores
 Também viu voar lingueta
 De fogo de todas cores

Tornou a meter a espada
 Sentiu o braço cansado
 Solon deu um passo atrás
 E ficou desanimado
 Porque na boca do monstro
 Não dava um só bocado

O monstro com todo orgulho
 Deu no moço uma pesada
 Porém Solon defendeu-se
 E deu-lhe outra espadada
 O monstro partiu em cima
 Arrebatou-lhe a espada

Solon se vendo perdido
 Só viu a luz amarela
 Pulou em cima da lâmpada
 Quebrou e apagou ela
 O monstro deu um gemido
 E esticou a canela

Naquela hora Solon
 Ouviu um grande trovão
 Estava em cima da pedra
 Com a espada na mão
 Só via o oceano
 E a sua embarcação

Olhou de um lado e viu
 A princesa se afogando
 Quando salvou-a sentiu
 Que ia se apaixonando
 E a princesa também
 A ele ficou amando

Seguiram para o reinado
 Na pequena embarcação
 Levaram a pedra da velha
 Com grande satisfação
 O anel e a espada
 Que foram a salvação



Quando chegaram ao porto
Subiram fogos no ar
A alegria foi tanta
Que não posso avaliar
Todo povo do reinado
Foi a Solon abraçar

Para prestar homenagem
Ao moço vencedor
Seguiram para o palácio
Num cortejo de valor
Solon foi de cadeirinha
A princesa em um andor

Chegaram lá se casaram
Naquela hora sagrada
Prá felicitar os noivos
Veio a velha irmã da fada
Levou sua "Pedra Mansa"
O anel e a espada

A ilha misteriosa
Levou muitos para morte
Mas Solon com a espada
Enfrentou o monstro forte
Imitou à Oliveiros
Deu lição aos guerreiros
A vida é prá quem tem sorte



7540

ALGUMAS EDIÇÕES PRELÚDIO

JOÃO SOLDADO — O valente praça que meteu o diabo num saco. A história fabulosa de João Soldado, que após praticar a caridade, recebe de Deus e S. Pedro, um poder maravilhoso. Encontra o diabo, consegue vencê-lo e colocá-lo num saco. Em versos.

ALMA PENADA — Tragédia de um pobre homem que o destino lançou como mendigo aos pés da própria filha, que lhe deu um pedaço de pão.

VICENTE O REI DOS LADRÕES — Um astucioso ladrão que acaba casando com a filha do rei. História em versos populares.

PELEJA DE JOÃO DE DEUS COM O DIABO NEGRO — Num desafio inteligente, João de Deus vence o temível Diabo Negro, com versos maravilhosos.

O JOGADOR NA IGREJA — Como um jogador inveterado prova que pode jogar baralho na igreja, sem cometer sacrilégio.

HISTÓRIA DA DONZELA TEODORA — A história de uma jovem, que foi vendida pelo próprio pai. O comprador trata-a como filha, e ao cair na miséria, é salvo pela sabedoria da linda jovem. Em versos.

VIDA E TRAGÉDIA DO PRESIDENTE VARGAS — História em versos do famoso presidente, que tantas glórias deu ao nosso Brasil.

TRAGÉDIA DO PRESIDENTE GETULIO VARGAS — História em prosa do Presidente Vargas, trágicamente desaparecido após dedicar sua vida ao Brasil.

OS MILAGRES DO PADRE LIMA — História singela do famoso padre Lima, que em Tambaú tem realizado milagres maravilhosos.

CABOCLA TERESA — Maravilhosa história ilustrada inspirada na famosa canção sertaneja, CABOCLA TERESA.

TRUQUES, MÁGICAS E PASSATEMPOS — Livro contendo uma boa coletânea de diversões para toda a família. Truques fáceis e interessantes.

HISTÓRIA E SUCESSOS DE TONICO E TINOCO — Biografia da dupla famosa, contendo suas mais populares páginas musicais.

Si não encontrar com seu vendedor alguma de nossas publicações, dirija seu pedido para a **GRÁFICA EDITORA PRELÚDIO**
Rua Ipanema, 772 — Fone 9-1374 — São Paulo

SINB